

PRIMO LEVI

com LEONARDO DE BENEDETTI

# Assim foi Auschwitz

*Testemunhos 1945-1986*

*Organização*

Fabio Levi e

Domenico Scarpa

*Tradução*

Federico Carotti



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2015 by Giulio Einaudi editor s.p.a., Turim  
Proibida a venda em Portugal

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Cosí fu Auschwitz: Testimonianze 1945-1986

*Capa*

Victor Burton

*Foto de capa*

© Hannibal Hanshke/ Reuters/ Latinstock

*Preparação*

Livia Lima

*Revisão*

Thaís Totino Richter

Ana Luiza Couto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Levi, Primo, 1919-1987.

Assim foi Auschwitz : testemunhos 1945-1986 / Primo Levi  
com Leonardo De Benedetti ; organização Fabio Levi e Domenico  
Scarpa ; tradução Federico Carotti. — 1ª ed. — São Paulo : Compa-  
nhia das Letras, 2015.

Título original: Cosí fu Auschwitz: Testimonianze 1945-1986

Bibliografia.

ISBN 978-85-359-2635-4

1. Auschwitz (Campo de concentração) 2. Guerra Mundial,  
1939-1945 - Atrocidades 3. Guerra Mundial, 1939-1945 - Campos  
de concentração - Polônia 4. Holocausto judeu (1939-1945) I. De  
Benedetti, Leonardo. II. Levi, Fabio. III. Scarpa, Domenico. IV. Título.

15-07503

CDD-940.5318

Índice para catálogo sistemático:

1. Holocausto judeu : Guerra Mundial, 1939-1945 : História 940.5318

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

# Sumário

<i>Nota dos organizadores</i> . . . . .	7
Relatório sobre a organização higiênico-sanitária do campo de concentração para judeus de Monowitz (Auschwitz — Alta Silésia) [1945-6] — <i>Leonardo De Benedetti e</i> <i>Primo Levi</i> . . . . .	11
Relação de dr. Primo Levi número de matrícula 174517, sobrevivente de Monowitz-Buna [1945] . . . . .	41
Depoimento [c. 1946] . . . . .	47
Depoimento sobre Monowitz [1946?] — <i>Leonardo De</i> <i>Benedetti</i> . . . . .	49
Declarações para o processo Höss [1947] . . . . .	54
Depoimento para o processo Höss [1947] — <i>Leonardo De</i> <i>Benedetti</i> . . . . .	57
Testemunho de um companheiro de prisão [1953] . . . . .	62
Aniversário [1955] . . . . .	65
Denúncia contra dr. Joseph Mengele [c. 1959] — <i>Leonardo</i> <i>De Benedetti</i> . . . . .	68
Carta à filha de um fascista que pede a verdade [1959] . . . .	73

Milagre em Turim [1959] . . . . .	76
O tempo das suásticas [1960] . . . . .	78
Depoimento para o processo Eichmann [1960] . . . . .	81
Testemunho para Eichmann [1961] . . . . .	85
Deportação e extermínio dos judeus [1961] . . . . .	92
Declarações para o processo Bosshammer [1965] . . . . .	101
A deportação dos judeus [1966] . . . . .	103
Questionário para o processo Bosshammer [1970] — <i>Leonardo De Benedetti</i> . . . . .	108
Questionário para o processo Bosshammer [1970] . . . . .	116
Depoimento para o processo Bosshammer [1971] . . . . .	123
A Europa dos campos de concentração [1973] . . . . .	131
Assim foi Auschwitz [1975] . . . . .	135
Deportados políticos [1975] . . . . .	139
Esboço de texto para o interior do Block italiano em Auschwitz [1978] . . . . .	144
Em Auschwitz, um comitê secreto de defesa [1979] . . . . .	147
Aquele trem para Auschwitz [1979] . . . . .	150
Lembrança de um homem bom [1983] . . . . .	154
À nossa geração... [1986] . . . . .	157

#### APÊNDICE

O trem para Auschwitz, 1971 — <i>Primo Levi e Leonardo De     Benedetti</i> . . . . .	163
Uma testemunha e a verdade — <i>Fabio Levi e Domenico     Scarpa</i> . . . . .	169

#### APARATOS

Documentação fotográfica . . . . .	225
Notas sobre os textos — <i>Domenico Scarpa</i> . . . . .	235
<i>Agradecimentos</i> . . . . .	273

# Relatório sobre a organização higiênico-sanitária do campo de concentração para judeus de Monowitz (Auschwitz — Alta Silésia)

Graças à documentação fotográfica e às declarações agora numerosas fornecidas por ex-internos dos diversos campos de concentração criados pelos alemães para a aniquilação dos judeus da Europa, talvez não exista mais ninguém que ainda ignore o que foram aqueles locais de extermínio e quais as torpezas lá praticadas. Todavia, com o objetivo de ampliar o conhecimento dos horrores, de que nós também fomos testemunhas e com frequência vítimas durante um ano, cremos ser útil trazer a público o relatório que apresentamos ao governo da URSS, por solicitação do Comando Russo do campo de concentração de Kattowitz para italianos ex-prisioneiros. Ficamos abrigados nesse campo após nossa libertação, efetuada pelo Exército Vermelho no final de janeiro de 1945. Aqui acrescentamos algumas informações de ordem geral, pois o relatório de então devia se restringir exclusivamente ao funcionamento dos serviços sanitários do Campo de Monowitz. O governo de Moscou também solicitou relatórios análogos a todos os médicos, de qualquer nacionalidade, que haviam sido libertados de outros campos.

Partimos do campo de concentração de Fossoli, em Carpi (Módena), em 22 de fevereiro de 1944, num comboio de 650 judeus de ambos os sexos e de todas as idades. O mais velho ultrapassava oitenta anos, o mais novo era um bebê de três meses. Muitos estavam doentes, e alguns gravemente: um senhor de setenta anos, que tivera uma hemorragia cerebral poucos dias antes da partida, também embarcou no trem e morreu durante a viagem.

O trem era composto apenas por vagões de transporte de gado, fechados pelo lado de fora; em cada vagão, foram amontoadas mais de cinquenta pessoas, a maioria delas trazendo tudo o que conseguira de malas, porque um primeiro sargento alemão, empregado do campo de Fossoli, havia nos sugerido, com ar de quem dava um conselho desinteressado e afetuoso, que nos provêssemos de muitas roupas pesadas — malhas, cobertores, casacos de pele — porque seríamos levados para regiões de clima mais rigoroso do que o nosso. E acrescentara, com um sorrisinho benévolo e uma piscadela irônica, que, se alguém tivesse dinheiro ou joias escondidas, faria bem em levá-los, pois lá certamente seriam úteis. A maioria dos que partiam mordera a isca, seguindo um conselho que escondia uma cilada vulgar; outros, pouquíssimos, preferiram confiar seus bens a algum particular com livre acesso ao Campo; outros ainda, que no ato da prisão não tiveram tempo de providenciar mudas de roupa, partiram apenas com o que vestiam.

A viagem de Fossoli para Auschwitz durou exatamente quatro dias; e foi muito penosa, sobretudo por causa do frio, que era tão intenso, especialmente na madrugada. Ao amanhecer, as tubulações de metal no interior dos vagões estavam cobertas de gelo, devido ao vapor da respiração que se condensava sobre elas. Outro tormento era a sede, que só podia ser aplacada com a neve

recolhida na única parada do dia, quando o comboio se detinha em território neutro e os viajantes eram autorizados a descer dos vagões, sob a rigorosíssima vigilância de numerosos soldados, com a metralhadora sempre apontada, prontos a abrir fogo contra qualquer um que fizesse menção de se afastar do trem.

Durante essas curtas paradas, a distribuição dos alimentos era feita de vagão em vagão: pão, geleia e queijo; nunca água nem outro líquido. As possibilidades de dormir eram reduzidas ao mínimo, pois as malas e trouxas se amontoavam no chão e não permitiam que ninguém se ajeitasse numa posição cômoda e propícia ao descanso; todo viajante devia se satisfazer em ficar agachado da maneira menos pior possível, num espaço reduzi-díssimo. O piso dos vagões estava sempre molhado e não foi providenciado nem sequer um pouco de palha para cobri-lo.

Assim que o trem chegou a Auschwitz (eram aproximadamente 21 horas de 26 de fevereiro de 1944), os vagões foram rapidamente esvaziados por numerosos ss, armados com pistolas e cassetetes; e os viajantes, obrigados a colocar malas, trouxas e cobertas ao longo do trem. A comitiva foi logo dividida em três grupos: um primeiro de homens jovens e aparentemente aptos, integrado por 95 indivíduos; um segundo de mulheres, também jovens — grupo pequeno, composto de apenas 29 pessoas —, e um terceiro, o mais numeroso de todos, com crianças, inválidos e idosos. Enquanto os dois primeiros foram encaminhados separadamente para diversos campos, há razão para crer que o terceiro foi conduzido diretamente para a câmara de gás de Birkenau e seus integrantes, trucidados na mesma noite.

O primeiro grupo foi levado ao campo de concentração de Monowitz, que fazia parte da alçada administrativa de Auschwitz, de onde distava cerca de oito quilômetros. Esse campo fora constituído em meados de 1942 com a finalidade de fornecer mão de obra para a construção do complexo industrial Buna-Werke,

subordinado à IG Farben. Ele abrigava de 10 mil a 12 mil prisioneiros, embora sua capacidade normal fosse de apenas 7 mil a 8 mil homens. A maioria era de judeus de todas as nacionalidades da Europa, mas havia uma pequena minoria de criminosos alemães e poloneses, de “políticos” poloneses e de “sabotadores”.

Buna-Werke destinava-se à produção em grande escala de borracha e gasolina sintética, corantes e outros subprodutos de carvão e ocupava uma área retangular com cerca de 35 quilômetros quadrados. Uma das entradas dessa zona industrial, totalmente isolada por cercas altas de arame farpado, encontrava-se a poucas centenas de metros do campo de concentração dos judeus, enquanto, perto deste e adjacente à periferia da zona industrial, havia um campo de concentração para prisioneiros de guerra ingleses e, adiante, encontravam-se outros campos para trabalhadores civis de diversas nacionalidades. O ciclo produtivo de Buna-Werke, diga-se de passagem, jamais se iniciou: a data de inauguração, antes marcada para agosto de 1944, foi sendo postergada devido aos bombardeios e à sabotagem por parte dos operários civis poloneses, até a evacuação do território pelo Exército alemão.

Monowitz era, portanto, um típico “Arbeitslager” [campo de trabalho]: todas as manhãs, a população inteira do campo — exceto os doentes e os poucos designados para trabalhos internos — caminhava em formação perfeita, ao som de marchas militares e canções alegres tocadas por uma banda, até os locais de trabalho, que, para algumas equipes, ficava a seis, sete quilômetros de distância: o trajeto era feito em ritmo acelerado, quase correndo. Antes da saída para o trabalho e depois do regresso, havia diariamente a cerimônia de chamada numa praça do campo própria para esse fim, onde todos os prisioneiros tinham de ficar em formação rígida, de uma a três horas, expostos ao tempo que fizesse.



Tão logo chegou ao campo, o grupo de 95 homens foi levado ao pavilhão de desinfecção, onde todos foram prontamente despídos e submetidos a uma completa e cuidadosa depilação: cabelos, barbas e tudo o mais caíram rapidamente sob tesouras, navalhas e máquinas. Depois disso, foram colocados na sala dos chuveiros e ali ficaram trancados até a manhã seguinte. Cansados, famintos, com sede e sono, atônitos com o que já haviam visto e inquietos com seu destino imediato, mas inquietos, acima de tudo, com o destino dos entes queridos dos quais tinham sido brusca e brutalmente separados poucas horas antes, com o espírito atormentado por obscuros e trágicos pressentimentos, eles tiveram de passar a noite inteira de pé, com os pés na água que, pingando das tubulações, corria pelo chão. Finalmente, por volta das seis horas da manhã seguinte, foram submetidos a uma limpeza geral com uma solução de lisol e a uma ducha quente; depois disso, receberam os uniformes do campo e, para vesti-los, foram levados a outro salão, ao qual tiveram de chegar pelo lado de fora do pavilhão, saindo nus na neve, com o corpo ainda molhado pela ducha recente.

Durante o inverno, o uniforme dos prisioneiros de Monowitz era composto de um casaco, um par de calças, um boné e um sobretudo de pano listrado; uma camisa, um par de cuecas de algodão, um par de meias; um pulôver; um par de botas com sola de madeira. Muitas meias e cuecas tinham sido visivelmente feitas a partir de alguns “talilot” — o manto sagrado com que os judeus costumam se cobrir durante as orações —, encontrados nas malas de alguns deportados e utilizados para aquela finalidade em sinal de desprezo.

Já no mês de abril, quando o frio, mesmo que mais brando, ainda não desaparecera, as roupas de pano grosso e pulôveres eram retirados e as calças e casacos, substituídos por peças análogas de algodão, também listrado. E apenas por volta do fim de

outubro voltavam a distribuir as roupas de inverno. Isso, porém, não ocorreu mais no outono de 1944, porque as roupas e casacos de pano grosso haviam chegado ao limite extremo de uso, de modo que os prisioneiros tiveram de enfrentar o inverno de 1944-5 usando algodão, como nos meses de verão; somente uma pequena minoria recebeu algum leve impermeável de gabardina ou um pulôver.

Possuir mudas de roupa e peças íntimas sobressalentes era rigorosamente proibido, de modo que era quase impossível lavar camisas ou cuecas: essas peças eram de praxe trocadas a cada trinta, quarenta ou cinquenta dias, de acordo com a disponibilidade e sem chance de escolha; as peças não vinham lavadas, apenas desinfetadas a vapor, pois não havia lavanderia no campo. Em geral eram cuecas curtas de algodão e camisas, de pano ou algodão, muitas vezes sem mangas, sempre de aspecto repugnante devido às manchas de todos os tipos, frequentemente reduzidas a farrapos; às vezes, em lugar delas, recebia-se o casaco ou as calças de um pijama ou mesmo alguma peça de roupa feminina. As repetidas desinfecções deterioravam os tecidos, acabando com a resistência da trama. Todo esse material consistia na parcela de pior qualidade das roupas subtraídas aos integrantes dos vários comboios que, como se sabe, não paravam de chegar ao centro de Auschwitz provenientes de todas as partes da Europa. Casacos, paletós e calças, tanto de verão quanto de inverno, eram distribuídos numa condição terrível, cheios de remendos e impregnados de sujeira (barro, graxa, tinta). Os prisioneiros deviam providenciar os próprios consertos, sem que recebessem linha ou agulha para isso. Era muito difícil conseguir uma substituição e isso só ocorria quando fosse de fato impossível qualquer tentativa de conserto. As meias não eram trocadas em hipótese nenhuma, e sua restauração dependia da iniciativa de cada um. Era proibido posuir lenço para assoar o nariz ou qualquer outro pedaço de tecido.

As botas eram feitas numa oficina própria que existia no campo; as solas de madeira eram pregadas em chapas de couro sintético ou de pano emborrachado provenientes dos calçados de pior qualidade retirados dos comboios que chegavam. Quando estavam em bom estado, constituíam uma defesa razoável contra o frio e a umidade, mas eram absolutamente inadequadas para as marchas, mesmo curtas, e causavam escoriações na sola dos pés. Era possível se considerar um afortunado quem tivesse botas do tamanho certo e que não fossem de dimensões diferentes entre elas. Quando estragavam, eram consertadas infinitas vezes, para além de qualquer limite razoável, de modo que era raríssimo ver calçados novos, e os distribuídos normalmente não duravam mais do que uma semana. Não se distribuía cadarços, os quais cada um substituíam por filetes de papel retorcido ou por um fio elétrico, quando era possível encontrar algum.

O estado higiênico-sanitário do campo parecia, à primeira vista, realmente bom: as ruas e ruelas que separavam os diversos “blocos” eram limpas e bem conservadas, até o permitido pelo chão lamacento; o exterior dos “blocos”, de madeira, era bem pintado e o interior tinha os pisos cuidadosamente varridos e lavados todas as manhãs, com os chamados “castelos” [beliches] de três andares em perfeita ordem, as cobertas dos catres bem estendidas e alisadas. Mas tudo isso era apenas aparência, sendo a substância muito diferente: na verdade, nos “blocos”, que deveriam abrigar normalmente de 150 a 170 pessoas, sempre se amontoavam não menos de duzentas, muitas vezes até 250 pessoas, por isso, em quase todas as camas dormiam duas pessoas. Nessas condições, o tamanho do alojamento era certamente inferior ao mínimo exigido pelas necessidades de respiração e hematose. Os catres eram providos de uma espécie de saco grande, mais ou menos cheio com serragem de madeira, pratica-

mente reduzida a pó pelo uso prolongado, e duas cobertas. Estas, além de nunca serem trocadas nem submetidas a uma desinfecção, a não ser muito raramente e por motivos excepcionais, estavam, em sua maioria, em péssimo estado de conservação: gastas pelo longuíssimo uso, rasgadas, cheias de todo tipo de mancha. Apenas os catres mais à vista eram providos de cobertas mais decentes, quase limpas e às vezes até bonitas: eram os catres dos andares inferiores e mais próximos da porta de entrada.

Naturalmente, essas camas eram reservadas aos pequenos “líderes” do campo: chefes de equipe e seus assistentes, ajudantes do chefe de bloco ou simplesmente amigos de algum deles.

Assim se explica a impressão de limpeza, ordem e higiene que se tinha ao entrar num alojamento pela primeira vez, correndo um olhar superficial por seu interior. Nas armações dos “castelos”, nas vigas de sustentação e nos estrados dos catres viviam milhares de percevejos e pulgas que impediam o sono dos prisioneiros à noite; nem mesmo as desinfecções dos alojamentos com vapores de ácido hidrazoico, efetuadas a cada três ou quatro meses, bastavam para destruir aqueles hóspedes que vegetavam e se multiplicavam quase sem impedimentos.

Contra os piolhos, no entanto, empreendia-se um enorme combate, a fim de prevenir o surgimento de uma epidemia de febre maculosa: todas as noites, ao voltar do trabalho, e com maior rigor nas tardes de sábado (dedicadas, entre outras coisas, a raspar o cabelo, a barba e às vezes outros pelos também), praticava-se o chamado “controle dos piolhos”. Cada prisioneiro deveria se despir e submeter suas roupas ao exame minucioso de encarregados dessa função; caso se encontrasse mesmo que fosse um pequeno piolho na camisa de um deportado, todas as roupas de todos os ocupantes do alojamento eram imediatamente enviadas para desinfecção e os homens higienizados com lisol e depois submetidos a duchas. Então deviam passar a noite inteira nus,

até as primeiras horas da manhã, quando suas roupas voltavam do barracão de desinfecção, totalmente úmidas.

No entanto, não se tomava nenhuma outra providência para a profilaxia das doenças contagiosas, que tampouco escasseavam: tifo e escarlatina, difteria e varicela, sarampo, erisipela etc., sem contar as numerosas afecções cutâneas contagiosas, como as epidermofitoses, os impetigos, as sarnas. É de fato surpreendente que, em vista de tanto desleixo em relação às normas higiênicas, numa promiscuidade tão grande entre as pessoas, jamais tenham surgido epidemias de rápida difusão.

Uma das maiores possibilidades de transmissão de doenças infecciosas consistia no fato de que uma razoável porcentagem de prisioneiros não dispunha de tigela nem de colher, de modo que três ou quatro pessoas eram obrigadas a comer sucessivamente no mesmo recipiente ou com o mesmo talher, sem poder lavá-lo.

A alimentação, de quantidade insuficiente, era de má qualidade. Resumia-se a três refeições: ao despertar de manhã, eram distribuídos 350 gramas de pão quatro vezes por semana e setecentos gramas três vezes por semana, portanto, uma média diária de quinhentos gramas — quantidade que seria razoável, se o próprio pão não trouxesse uma grande quantidade de resíduos, entre eles, muito visível, serragem de madeira —; além disso, ainda de manhã, 25 gramas de margarina com cerca de vinte gramas de salame ou uma colherada de geleia ou ricota. A margarina era distribuída somente seis dias por semana; mais tarde, essa distribuição se reduziria a três dias. Ao meio-dia, os deportados recebiam um litro de sopa de nabo ou de couve, absolutamente insípida devido à falta de qualquer tempero, e à noite, no final do trabalho, outro litro de sopa um pouco mais consistente, com algumas batatas ou, às vezes, ervilhas e grão de bico; mas ainda assim totalmente desprovida de componentes gordurosos. Raramente se podia encontrar algum fio de carne. Como bebida, de

manhã e à noite distribuía-se meio litro de uma infusão de sucedâneo de café, sem açúcar; somente aos domingos vinha adoçado com sacarina. Em Monowitz faltava água potável; a que havia nos lavatórios só podia ser empregada para uso externo; de origem fluvial, chegava ao Campo sem ser filtrada e, por isso, era altamente duvidosa: tinha aspecto límpido, mas, quando vista em grande volume, era de cor amarelada; com um gosto entre metálico e sulfuroso.

Os prisioneiros eram obrigados a tomar uma ducha duas ou três vezes por semana. Esses banhos, porém, não eram suficientes para manter o asseio pessoal, pois a quantidade de sabão distribuído era parcimoniosa: distribuía-se apenas uma vez por mês um sabonete de cinquenta gramas, mas de péssima qualidade. Tratava-se de um pedaço de formato retangular, muito duro, desprovido de substâncias graxas, porém rico em areia, que não fazia espuma e se esmigalhava com extrema facilidade, de modo que, após um ou dois banhos, estava totalmente consumido. Também não era possível esfregar nem enxugar o corpo, pois não havia toalhas; e, ao sair do chuveiro, os prisioneiros deviam correr nus, em qualquer estação do ano, quaisquer que fossem as condições atmosféricas, meteorológicas e de temperatura, até seus “blocos”, onde as roupas ficavam guardadas.

Os trabalhos da grande maioria dos prisioneiros eram manuais e exaustivos, inadequados às condições físicas e à capacidade dos condenados; poucos eram empregados em trabalhos que tivessem alguma afinidade com a profissão ou com o ofício exercido durante a vida civil. Assim, nenhum dos dois signatários jamais pôde trabalhar no hospital ou no laboratório químico de Buna-Werke, tendo ambos sido obrigados a seguir a sorte de seus companheiros e se submeter a esforços superiores a suas forças, ora cavando com pá e picareta, ora descarregando carvão ou sacos de cimento, ou de maneiras ainda piores, todas extrema-

mente pesadas; trabalhos que naturalmente eram executados ao ar livre, no inverno e no verão, sob neve, chuva, sol e vento, sem vestimenta suficiente para proteger das intempéries e das baixas temperaturas. Esses trabalhos, além do mais, deviam ser executados em ritmo acelerado, sem nenhuma pausa, exceto durante uma hora — do meio-dia à uma — para a refeição do meio do dia: e aí de quem fosse surpreendido parado ou em atitude de descanso durante as horas de trabalho.

Dessa nossa rápida descrição das modalidades de vida no campo de concentração de Monowitz, podem-se deduzir com facilidade as doenças mais frequentes que atingiam os prisioneiros e suas respectivas causas. Podem ser classificadas nos seguintes grupos:

- 1) doenças distróficas;
- 2) doenças do trato gastrointestinal;
- 3) doenças por frio;
- 4) doenças infecciosas gerais e cutâneas;
- 5) doenças cirúrgicas;
- 6) doenças de trabalho.

*Doenças distróficas* — Se do ponto de vista quantitativo a alimentação ficava muito aquém do necessário, do ponto de vista qualitativo era desprovida de dois importantes fatores: as gorduras e, principalmente, as proteínas animais, salvo os míseros vinte ou 25 gramas de salame que eram fornecidos duas ou três vezes por semana. Ademais, faltavam vitaminas. Assim se explica como essas e outras tantas carências alimentares eram o ponto de partida daquelas distrofias que atingiam quase todos os prisioneiros, desde as primeiras semanas de sua estada. Todos, de fato, ema-